







A partir dessa análise podem ser respondidas algumas das questões que concernem a crítica de Ferreira. Oliveira (2022) conceitua que outras ciências da natureza e da linguagem não conseguem ser testadas de forma empírica em sua totalidade, ou seja, uma teoria tem diversos critérios para validar-se como ciência, o seu critério principal não é replicabilidade ou testagem de suas proposições. Logo, evidências empíricas não podem servir de divisor de águas entre o que é científico e o que não é. A ciência, como dito acima, é um emaranhado de conceitos. Assim, basear-se em um ou dois teóricos para explicitar um conceito amplo, revela que os critérios foram escolhidos a dedo, logo não cumpre com seus próprios pressupostos, então não pode ser considerada uma avaliação plenamente científica.

Assim, podemos pensar a psicanálise a partir da perspectiva teórica que tem enfoque clínico, logo os resultados não podem ser replicados, pois a experiência e linguagem dos sujeitos é subjetiva. Segundo Oliveira (2022), o que a psicanálise pressupõe é que existem conflitos estruturais com as pessoas com as quais se convive durante a vida. Essas conflitivas são parte de uma construção subjetiva que constitui os sujeitos. Tal constatação retoma o critério da psicanálise, de adequação à experiência singular do paciente e não a correspondência com uma realidade objetiva. Esse pressuposto evidencia que a teoria visa estudar como o paciente lida com os acontecimentos de sua vida psíquica e o que faz a respeito de seu próprio desejo, não pretendendo uma identificação de cada conceito que a teoria se propõe, até porque os conceitos foram sendo atualizados e desenvolvidos ao longo do tempo. É a partir da realidade e experiência de ouvir e entender a constituição psíquica que a teoria psicanalítica é construída.

Percebe-se que quando a psicanálise é colocada à prova, não se debate ciência, mas sim aquilo que o crítico julga que a teoria não pode fornecer. Esse discurso muitas vezes é pautado por teóricos de outras áreas, tais como psiquiatria ou da própria psicologia, que utiliza outras formas de terapia e teorias, tais como, terapias comportamentais, neurocientíficas ou ainda do campo da espiritualidade. O que se observa é que as críticas são baseadas no conhecimento de uma área específica, não levando em conta a lógica filosófica ou histórica. Assim as críticas se baseiam na “verdade” de uma teoria específica, nesse sentido tende a deslegitimar a psicanálise, pois não cumpre com os pressupostos de cientificidade genéricos. Sendo possível observar que essa lógica reducionista, que não leva em conta a subjetividade do sujeito, conduz a uma lógica mercadológica que prioriza tratamentos medicamentosos, uma



demanda capitalista que busca a venda de fármacos e encaminha o fim dos tratamentos em psicoterapia. (Dunker; Lanini, 2023)

Que fique claro de uma vez por todas: não existe uma teoria científica da ciência. O cientista faz ciência; quem produz teorias sobre o fazer científico são epistemólogos, antropólogos, historiadores, filósofos e assim por diante. Quando um cientista julga a cientificidade de um campo que ele desconhece, não emite um juízo científico, mas, sim, um juízo ideológico. (Lacan 1965 apud Dunker; Lanini, p 264, 2023)

Tendo em vista estas considerações, pode-se trazer a própria visão da psicanálise em relação à ciência. Dunker e Lanini (2023) trazem as ideias de Lacan, as quais pressupõe que a ciência e suas exigências que remetem ao “Discurso do Método” de Descartes e de toda sua epistemologia, vem tirando o sujeito de cena, como se excluísse o subjetivo e singular da humanidade, diferentemente da psicanálise que acolhe o sujeito em sofrimento. Então Lacan formula “Dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência, talvez passe por um paradoxo”. (1965/1998 apud Dunker; Lanini, p 267, 2023) Então o sujeito sem qualidade própria, sem sua subjetividade, com o qual a ciência metodológica pretende trabalhar, não é o alvo da teoria psicanalítica, logo a tese psicanalítica é uma revolução à noção científica moderna, fazendo conceber um universo infinito e não programático com o qual os sujeitos são complexos e subjetivos.

Pensando essa ideia como uma revolução, Dunker e Lanini (2023) utilizam de Lacan para conceituar que não se deve submeter a psicanálise a uma cientificidade de outra disciplina-piloto, mas sim se perguntar: O que é uma ciência que inclua a psicanálise?

A teoria psicanalítica nasceu em meio à ciência moderna, logo trabalha com esse sujeito que crê no cientificismo, mas não se coloca em posição de trabalhar com a lógica do método e do sistema neoliberal, que prega que tudo deve ser calculado ou matematizado, como se a instância do simbólico pudesse explicitar tudo aquilo que está na instância do real. Isso é algo que a psicanálise não se coloca a explicitar, mas sim se preocupa em trabalhar com aquilo que escapa inexoravelmente a essa redução, do ponto onde o sujeito realmente fala, da ordem imaginária, da falta conjectural que movimenta a sociedade atrás de um cientificismo mascarado de cientificidade.

É possível constatar que tais críticas ao fazer científico da psicanálise não são atuais, mas sim uma discussão com a qual Freud já trabalhava desde os primórdios da psicanálise. Segundo Dunker e Lanini (2023), Lacan critica o pensamento da cientificidade analógica,



porém usa de recursos estruturais, matemas, topologias e a teoria dos nós. Essa estratégia permite uma entrada no método e modelo científico. Mas, mesmo aproximando-se da cientificidade, ele constata que a psicanálise é uma ciência êxtima, ou seja, uma ciência na borda da cientificidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso notar que a psicanálise é uma teoria que se baseia em conceitos que fogem à lógica normativa e esquematizada, assim não se constitui como ciência e nem como pseudociência. Não se compromete com a ciência atual. Na realidade convoca a ciência a uma revolução, que traga a subjetividade dos sujeitos à tona. Enquanto essa revolução não ocorre, a psicanálise pode ser dita como ciência êxtima, ligada à ciência, trabalhando com seus termos, mas não com seu método discursivo que deixa de lado a subjetividade dos sujeitos, ou seja, uma ciência da subjetividade e da linguagem que eleva a relação dos sujeitos a um patamar subjetivo e único. Logo essas condenações não causaram o fim da psicanálise ou sua instauração como pseudociência. Então, pode-se dizer que, como Dunker e Lanini (2023) trabalham na última página de seu livro, “Não é a ciência que vai salvar o futuro da psicanálise [...], mas o que garantirá isso é sua capacidade de se reinventar cada vez que um paciente fala”.

Palavras-chave: Psicanálise. Ciência. Lacan. Cientificismo. Pseudociência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUNKER Christian I. L; IANNINI Gilson de Paulo M. Ciência pouca é bobagem. Porque a psicanálise não é pseudociência. São Paulo, Ubu, 2023, 292 págs.

FERREIRA Clarice M. C - Será a psicanálise uma pseudociência? Reavaliando a doutrina utilizando uma lista de multicritérios. Debates em Psiquiatria, Rio de Janeiro, 2021; pp.1-33

OLIVEIRA Érico A. M - Por que a psicanálise não é uma pseudociência? Sobre as novas bases epistemológicas da psicanálise. Debates em Psiquiatria, Rio de Janeiro, 2022; pp.1-19.

LINDEMANN John L. Os argumentos de Quine em “Dois Dogmas do Empirismo”. Universidade Estadual de Maringá, 2016; pp. 1-14.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila; p 31.